

Processos auto-regulatórios de alunos do 1.º ano do Ensino Superior: Um estudo realizado na Área Metropolitana do Porto

Luísa Trigo*, Ana Coelho*, Ana Moreira*, Filipa Santos*, Joana Silva*, Patrícia Costa*, Rosa Gomes*, Sílvia Simões*, Susana Meireles*, Pedro Rosário**

* Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa ** Departamento de Psicologia, Universidade do Minho

1. INTRODUÇÃO

Ao observarmos a investigação produzida nas últimas três décadas sobre a aprendizagem auto-regulada, podemos concluir que este é um novo e importante construto explicativo dos processos de aprendizagem, com implicações evidentes no sucesso escolar (Bandura, 2002; Randi & Corno, 2000; Rosário, 2004; Rosário, Núñez & González-Pienda, 2004; Schunk, 1994; Schunk & Ertmer, 2000; Zimmerman, 2000).

A aprendizagem auto-regulada pode ser descrita como um processo activo, construtivo e orientado para objectivos sob a tutela da interacção dos recursos cognitivos, motivacionais e emocionais do aluno (Rosário, 2004). Significa, também, a aptidão dos alunos para desenvolverem o conhecimento, as competências estratégicas e as atitudes necessárias para incrementar e facilitar as futuras aprendizagens não só no contexto escolar, mas também nos contextos de vida adjacentes (Zimmerman, 2000). Tendo em conta os desafios que se colocam à universidade de hoje, e concretamente aos alunos que ingressam pela primeira vez no ensino superior, torna-se fundamental conhecer o comportamento auto-regulatório dos reais protagonistas no processo de ensino-aprendizagem.

2. OBJECTIVOS

Este estudo tem como principal objectivo analisar a relação entre os processos de auto-regulação da aprendizagem utilizados pelos alunos do 1.º ano do ensino superior e algumas variáveis pessoais e académicas, nomeadamente o sexo, o curso e a nota de candidatura.

3. METODOLOGIA

PARTICIPANTES

A amostra é constituída por 372 alunos do 1.º ano de uma universidade situada na Área Metropolitana do Porto, de diferentes cursos, que correspondem a diversas áreas de formação: Biociências (n=73), Enfermagem (n=90), Direito (n=110), Economia/Gestão de Empresas (n=37), Psicologia (n=40) e Teologia (n=22).

INSTRUMENTOS

Para avaliar o comportamento auto-regulatório dos alunos foi utilizado o IPAA-Univ. – Inventário de Processos de Auto-Regulação da Aprendizagem para Universitários, de Rosário, Mourão, Núñez, González-Pienda, Solano e Valle (2007). O Inventário é composto por 9 itens, que representam as três fases do processo de auto-regulação da aprendizagem: planificação, execução e avaliação. A resposta aos itens é efectuada com base numa escala tipo Likert de 5 pontos, de “nunca” a “sempre”.

Os dados pessoais e académicos foram recolhidos através de uma Ficha de Dados Pessoais e Académicos construída no âmbito deste estudo.

PROCEDIMENTOS

Os dados foram recolhidos em seis diferentes licenciaturas correspondentes a diversas áreas de formação. Para cada licenciatura, foi escolhida uma disciplina do 1.º ano/1.º semestre, da área científica da respectiva licenciatura. Relativamente a cada uma das disciplinas, os alunos foram inquiridos acerca dos processos de auto-regulação da aprendizagem utilizados.

4. RESULTADOS

Foram encontradas diferenças de género significativas, em que as raparigas apresentam um comportamento auto-regulatório mais elevado, em comparação com os rapazes ($p < 0.001$; variância explicada de 6,7%).

Relativamente ao curso (Figura 1), foram também encontradas diferenças significativas no que diz respeito aos processos de auto-regulação da aprendizagem ($p < 0.01$; variância explicada de 4,3%)

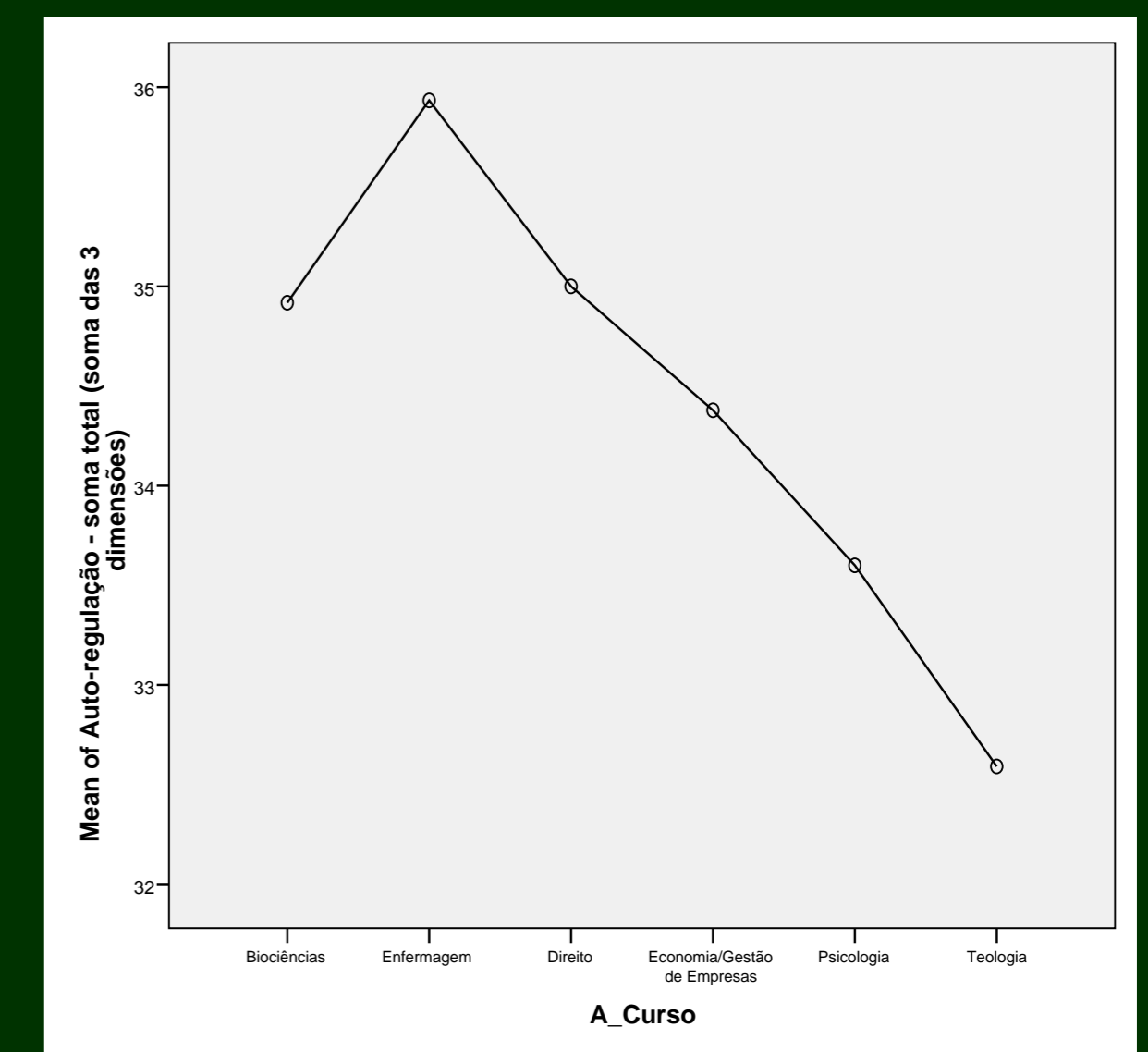


Figura 1. Médias dos processos de auto-regulação da aprendizagem por curso.

A análise da relação entre a nota de candidatura ao ensino superior e os processos de auto-regulação da aprendizagem utilizados pelos alunos foi efectuada com base nas correlações entre as variáveis. Verificou-se que a nota de candidatura se relaciona positiva e significativamente com os processos de auto-regulação da aprendizagem utilizados pelos alunos ($r = 0,18$; $p < 0,01$).

5. DISCUSSÃO

As diferenças de género vão de encontro ao que tem vindo a ser apontado pela literatura existente no domínio da aprendizagem auto-regulada.

As diferenças encontradas nos processos de auto-regulação da aprendizagem nos seis cursos necessitam de uma análise mais aprofundada e focalizada, tendo como referência as características específicas das disciplinas seleccionadas (e.g. ECTS, modalidade de avaliação).

O valor da correlação positiva entre processos de auto-regulação da aprendizagem e nota de candidatura confirma o que outros estudos têm vindo a demonstrar, nomeadamente o facto de a adopção de determinadas estratégias de auto-regulação da aprendizagem estar associada a um desempenho académico mais elevado.

Os resultados salientam a importância dos processos de auto-regulação da aprendizagem na compreensão mais alargada do processo de ensino-aprendizagem no ensino superior, bem como as potencialidades da adopção de comportamentos auto-regulatórios.

6. REFERÊNCIAS

- Bandura, A. (2002). Social Cognitive Theory in Cultural Context. *Applied Psychology: An International Review*, 51(2), 269-290.
- Randi, J., & Corno, L. (2000). Teacher innovations in self-regulated learning. In M. Boekaerts, P. Pintrich, & M. Zeidner (Eds.), *Handbook of self-regulation* (pp. 651-686). San Diego, NY: Academic Press.
- Rosário, P. (2004). *Estudar o estudar. (Des)venturas do Testar*. Porto: Porto Editora.
- Rosário, P., Mourão, R., Núñez, J. C., González-Pienda, J., Solano, P., & Valle, A. (2007). Eficacia de un programa instruccional para la mejora de procesos y estrategias de aprendizaje en la enseñanza superior. *Psicothema*, 19(3), 422-427.
- Rosário, P., Núñez, J., & González-Pienda, J. (2004). Stories that show how to study and how to learn: an experience in Portuguese school system. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 4, 131-144.
- Schunk, D. H. (1994). Self-regulation of self-efficacy and attributions in academic settings. In D. H. Schunk, & B. J. Zimmerman (Eds.), *Self-regulation of learning and performance: Issues and educational applications* (pp. 75-99). Hillsdale, Erlbaum.
- Schunk, D. H., & Ertmer, P. A. (2000). Self-regulation and academic learning, self-efficacy enhancing interventions. In M. Boekaerts, P. Pintrich, & M. Zeidner (Eds.), *Handbook of self-regulation* (pp. 631-649). San Diego, NY: Academic Press.
- Zimmerman, B. J. (2000). Attaining self-regulation. A social cognitive perspective. In M. Boekaerts, P. Pintrich, & M. Zeidner (Eds.), *Handbook of self-regulation*. New York (pp. 13-39) San Diego: Academic Press.